

Música. Inauguração

Teatro ganha hoje a Praça das Artes, complexo que vai reunir todos seus segmentos artísticos

Maria Eugênia de Menezes

Criado para receber companhias e astros estrangeiros, o Teatro Municipal foi inaugurado em 1911 sem que tivesse uma orquestra, um coral ou um corpo de baile. A passagem dos anos serviu para corrigir essa falha: a casa lírica há muito deixou de ser mera sala de apresentações, para se transformar em centro produtor de espetáculos. Até agora, porém, não havia um espaço destinado a esses músicos e bailarinos. Nem aos ensaios de suas criações. Tampouco às escolas de música e dança que surgiram ligadas à instituição.

Trata-se de uma lacuna que a inauguração da Praça das Artes começa hoje a suprir. Com cerca de 28.500 m², o complexo fica logo atrás do Teatro e ocupa todo o quarteirão formado pelas Ruas Conselheiro Crispiniano, Formosa, Avenida São João e Praça Ramos de Azevedo.

Nessa primeira fase, serão entregues espaços reservados às Escolas de Dança e de Música, o Conservatório Dramático e Musical, edifício centenário que foi restaurado, e um estacionamento para 200 veículos. “Nunca alunos e profissionais do Teatro dividiram um mesmo espaço. Acredito que isso irá criar uma nova dinâmica”, diz o secretário municipal de Cultura, Carlos Augusto Calil.

Na segunda etapa, que deve levar pelo menos mais um ano para ser concluída, serão abertos os prédios que irão abrigar os corpos artísticos do Municipal, ou seja, Orquestra Sinfônica Municipal, Orquestra Experimental de Repertório, Balé da Cidade, Coral Lírico, Coral Paulistano e Quarteto de Cordas.

Orçado em R\$ 136 milhões, o conjunto arquitetônico prevê ainda a construção de uma área ao ar livre, com abertura para o Vale do Anhangabaú, que receberá o monumento em homenagem ao compositor Giuseppe Verdi, que estava instalado próximo do Municipal, além de um bar e um jardim.

A expectativa da Secretaria de Cultura é que a Praça das Artes marque uma nova fase para o Teatro. “A construção de um anexo para o Municipal é uma ambição de mais de 30 anos”, observa

VIDA NOVA PARA O MUNICIPAL



Fachada. Espaço terá ainda a construção de uma área ao ar livre, com abertura para o Vale do Anhangabaú



Acervos. Fotografias e documentos expostos



Conservatório musical. Nova sala de câmara

Calil. Ao transferir os ensaios de óperas e concertos para as novas dependências – que reproduzem as medidas e a acústica do teatro –, espera-se ainda desobstruir a pauta do Municipal. O que tornaria possível ampliar sua capacidade de receber montagens.

Uma nova fase para o Teatro poderia irradiar-se também para seu entorno. Pretende-se que a construção do complexo, realizada com recursos do Fundurb (Fundo de Desenvolvimento Urbano), sirva como impulso para a recuperação da região central.

“A praça pode funcionar como um eixo de revitalização para o

centro”, crê o secretário. Intervenção urbanística de vulto, o projeto, idealizado pelo arquiteto Marcos Cartum, foi desenvolvido pelo escritório Brasil Arquitetura, de Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz.

Para que a obra fosse executada, um grande número de pequenas edificações teve de ser demolido. “Eram construções de péssima qualidade. Um imenso desperdício do potencial construtivo da área”, observa Cartum. O resultado alcançado é uma mescla de prédios de feição contemporânea com relíquias recuperadas, caso do Conservatório Dramático e Musical e da fachada do antigo Cine Cairo.

Outra preocupação dos arquitetos foi integrar o conjunto completamente à rua. Ao invés de se fechar ao tumulto do centro, a Praça se abre para acolher o entorno. Em uma cidade embrutecida, que perdeu seus espaços de encontro e convivência, não é pouca coisa.

PRÉDIO RESTAURADO ABRIGA EXPOSIÇÃO

Duas instituições que nasceram juntas. Mas que precisaram de quase 100 anos para voltar a se encontrar. Elemento essencial da Praça das Artes, o Conservatório Dramático e Musical foi restaurado e passa, a partir de hoje, a abrigar uma exposição que revê a sua antiga e íntima ligação com o Teatro Municipal.

Com curadoria de Marcia Camargos e Dan Fialdini, a mostra percorre aos acervos do Museu do Teatro e da sua Central de Produção, além da coleção do próprio Conservatório. Selecionou fotografias, documentos, instrumentos musicais, cenários e figurinos. “Como a coleção do Conservatório ainda não

foi catalogada, e também como muitas peças se perderam, o Teatro aparece de forma mais consistente. Mas a intenção da mostra é justamente retomar o laço que existe entre os dois”, diz Marcia, pesquisadora e autora do livro *Teatro Municipal – 100 Anos*.

Na passagem do século 19 para o 20, auge da cultura cafeeira, São Paulo queria exibir o seu poderio econômico. Apagar o passado pobre, de terra de tropeiros e casas de pau a pique para se tornar uma cidade cosmopolita. Foi nesse contexto que se encontrou a Ramos de Azevedo um teatro lírico, nos moldes da Ópera de Paris. Concomitantemente, a elite também recolheu

fundos para criar o Conservatório, centro que iria prover de ensino acadêmico os nossos futuros músicos. Por lá passaram, seja como professores ou alunos, nomes ilustres, como Mario de Andrade, Camargo Guarnieri e Luigi Chiafarelli. Em sua sala de câmara, que foi completamente recuperada pela atual reforma e voltará a funcionar como espaço de concertos, também se apresentaram grandes talentos daquela época: Alberto Nepomuceno, Henrique Oswald, Heitor Villa-Lobos.

A exposição retoma ainda os principais marcos do centenário do Municipal, personagens nacionais e estrangeiros, além de eventos como a Semana de 22 e a criação do Balé do 4.º Centenário. “Mas tudo isso é mostrado de uma forma solta, com abertura para livres interpretações e sem uma pretensão didática”, pontua a curadora. /M.E.M.

Dança. Mostra

PANORAMA SESI ABRAÇA A DIVERSIDADE

Evento, que se estende até dia 16, reúne produções nacionais e estrangeiras de diferentes estilos

O encontro entre o coreógrafo francês Mourad Merzouki e 11 dançarinos que saíram de favelas do Rio de Janeiro já rendeu dois espetáculos. Em 2008, por ocasião do Ano do Brasil na França, eles criaram *Agwa*. Dois anos depois, voltaram a estar juntos em *Correria*. Bem recebidas, as montagens já correram o mundo. E poderão ser vistas pela primeira vez no País hoje, na abertura do Panorama Sesi de Dança.

Na 12.ª edição do evento, que acontece até o dia 16, a dança urbana de Merzouki, mescla de hip-hop com dança contemporânea, oferece boa chave para desvendar a programação assinada pela crítica e jornalista Ana Francisca Ponzio. “Uma proposta que ser antes de tudo democrática”, diz ela. “Porque o mais importante é pensar a arte em todas as suas possibilidades. Sem encerrá-la em molduras e sem espantar o público.”

Norteada por esse propósito a curadora elegeu coreografias de feições muito diferentes. Criações nacionais e estrangeiras. Apresentadas no palco ou na

PANORAMA SESI DE DANÇA
Teatro do Sesi. Avenida Paulista, 1.313, tel. 3146-1405. 4.º a sáb., 20h30; dom., 19h30. Grátis. Até 9/12.

Mourad Merzouki. Francês criou com bailarinos cariocas

rua. Obras inéditas ou remontagens sob encomenda.

Ao lado do duo de espetáculos de Merzouki, um dos destaques da seleção internacional é a Cia. Toula Limnaios. O grupo alemão, que leva o nome de sua diretora, apresenta *Wut*. A montagem chega aqui nos dias 8 e 9, logo após sua estreia Berlim. E, assim

como os outros títulos de Toula, promete desestabilizar seus espectadores. A peça detém-se sobre o sentimento de raiva. Mira seus reflexos e desdobramentos, como a agressividade e o medo. Coloca-se como criação de explícito sentido político ao insurgir-se contra aspectos nebulosos da contemporaneidade. A

proposta encontra eco na música de Ralf Ollertz, parceiro da companhia e compositor da trilha original.

O sentido de resistência que reveste *Wut* tem contraponto em coreografias como *Caprichosa Voz Que Vem do Pensamento*. Com sessão marcada para o dia 7, a obra surge do encontro entre

PROGRAMAÇÃO

● **Correria Agwa**
Mourad Merzouki e companhia
Käfig Brasil, dias 5 e 6

● **Caprichosa Voz...**
Maria Alice Poppe, dia 7

● **Wut**
Cia. Toula Limnaios, dias 8 e 9

● **Sapatos Brancos e Baderna**
Luís Ferron, dias 15 e 16

● **Sobre Todas as Coisas**
Cia. Gira Dança, dia 16



MICHEL CAVALCANTE/DIVULGAÇÃO

a bailarina Maria Alice Poppe, o músico Tato Taborde e o diretor teatral Aderbal Freire-Filho. O resultado é uma costura delicada da dança com a literatura, o teatro, a mágica e a pintura.

Igualmente sofisticado é o trabalho de Emile Sugai. Em *Lunaris*, a dançarina cria nos interstícios entre o corpo e a luz – com

suas sombras e mitos.

O constante trânsito entre o centro e a periferia pauta a dança que se pratica hoje. E é um dos aspectos iluminados pela curadoria. Assim como as coreografias do francês Mourad Merzouki bebem no hip-hop as obras do paulistano Luís Ferron também trazem à cena manifestações populares. No caso de *Sapatos Brancos*, que será visto no dia 15, o foco recai sobre o Carnaval e mira com especial interesse a movimentação de um casal de mestresala e porta-bandeira. O criador também exhibe *Baderna* – inspirada em rituais afro-brasileiros e apresentada na rampa do edifício da Fiesp, diante do público que circula diariamente pela Avenida Paulista.

Pouco conhecida em São Paulo, a Cia. Gira Dança, de Natal, também merece espaço na programação. “É um trabalho com sentido social, mas com uma inegável qualidade artística”, afirma a curadora. Formado por intérpretes com deficiências físicas, o grupo fecha a mostra com *Sobre Todas as Coisas*. Coreografado por Mário Nascimento, o espetáculo a ser apresentado no dia 16 questiona a condição humana e suas fragilidades. “Mas sem colocá-las nunca como impossibilidades”, friça Ana Francisca. /M.E.M.